

SASASA

A 00432

Decisão delicada

Instituto Jonas dos Santos Neves
Biblioteca

O Espírito Santo seria um dos Estados de economia mais afetada com a liberação da importação de café. O maior impacto, sem dúvida, ocorreria na área do conilon, espécie da qual o território capixaba é o maior produtor no país

Ao mesmo tempo em que reduz a rentabilidade das exportações, a veloz desvalorização do dólar frente ao real barateia as importações. Nessas circunstâncias, é fundamental o papel das políticas governamentais visando a fomentar as atividades exportadoras, ao mesmo tempo não permitindo que as importações se tornem danosas à produção brasileira e à economia nacional.

Evidente que o setor rural, pela enorme carga de risco inerente às suas atividades, é merecedor de maior cuidado quanto às importações. Sempre foi, embora o defensivismo das regras brasileiras seja muito acanhado diante das montanhas de recursos que os países desenvolvidos destinam à produção nas suas terras, em forma de subsídios.

As articulações que se anunciam

visando à liberação das importações de café são por motivos óbvios, preocupantes para a economia rural do Espírito Santo – segundo maior produtor de café do país. É a cultura que mais pesa no PIB rural capixaba.

A estimativa da Conab sobre a safra de café, feita em setembro, aponta que 518.479 hectares do território capixaba estão sendo utilizados com esse plantio. A cafeicultura exerce função estabilizadora no desenvolvimento econômico e no bem-estar social do Estado.

O café conilon, sem dúvida, seria o alvo de quase todo o impacto proveniente de eventuais facilidades de importação. O Brasil teria grande prejuízo, pois essa espécie, também conhecida como robusta, responde neste ano de 2009 por 27,19% da produção nacional (dados da Conab).

O conilon é cultivado em cerca de 40 mil propriedades rurais, a maioria pequenas, no território capixaba

Mas é indiscutível que o Espírito Santo, na condição de maior produtor desse tipo de café no país, seria o mais atingido. A importação levaria dificuldades a mais de 40 mil propriedades rurais que o cultivam no Estado. A agricultura familiar poderia sofrer devastação – o que seria desastroso sob o ponto de vista socioeconômico.

A estimativa da produção de café em 2009 no Espírito Santo é de 10.114 mil sacas. Desse total, 2.542 mil sacas

(25,13%) são do tipo arábica e 7.572 mil sacas (74,87%), do tipo conilon, de acordo com a Conab. A produtividade média das duas espécies ficou em 20,80 sacas beneficiadas por hectare, ou seja, 0,58% maior que a estimativa do levantamento anterior – evolução que, por certo, seria interrompida com a interferência da importação.

Na verdade, o avanço maior está área do conilon. Nos últimos 15 anos, o Estado alçou aumento histórico de produção: 215%. Subiu de 2,4 para 7,3 milhões de sacas beneficiadas/ano, com expansão de apenas 11% da área plantada. Já a produtividade média cresceu 188%, passando de 9,2 para 26,57 sacas beneficiadas por hectare. São conquistas que se originaram do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Incaper, que se tornou referência mundial em tecno-

logia e produção de conilon. Espera-se que a Secretaria de Estado da Agricultura demonstre posição contrária à importação de café.

Não há dúvida de que a indústria e o comércio são elos vitais na cadeia do café, como de outros produtos. Essas atividades empresariais, como todas as outras, tem a necessidade de estar sempre buscando melhores condições competitivas e de crescimento. Para isso, não precisam de medidas que enfraqueçam o elo agrícola. Há muito o que ser reivindicado nas áreas tributária e creditícia e demais itens do custo-Brasil.

O Brasil deve a si mesmo, desde o período pré-crise, desenvolver regras de forma a minimizar as circunstâncias do câmbio. As exportações precisam crescer e as importações não podem ser venenosas.